

SÉRGIO ROBERTO DE PAIVA ALMEIDA

**IMPLICAÇÕES DO ESPORTE ESCOLAR: UMA ABORDAGEM SOB UMA
PERSPECTIVA CRÍTICA**

**Itapetininga, SP
2008**

**FUNDAÇÃO KARNIG BAZARIAN
FACULDADES INTEGRADAS DE ITAPETININGA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Sérgio Roberto de Paiva Almeida

**IMPLICAÇÕES DO ESPORTE ESCOLAR: UMA ABORDAGEM SOB UMA
PERSPECTIVA CRÍTICA**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Educação Física das Faculdades Integradas de Itapetininga, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura.

Orientador: Prof.º José Antonio Coletti dos Santos

**Itapetininga, SP
2008**

Dedico esse trabalho aos meus pais **Maria Madalena** e **José Pedro**, por sempre acreditarem em mim e me apoiarem em todos os momentos mesmo nas adversidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família por me ajudar com incentivos morais e de força, principalmente os primos e primas, tios e tias. Da mesma forma agradeço aos meus melhores amigos, **Thoshio, Juninho, Nielsen e Andersom** que acreditaram em mim desde o começo dessa nova empreitada. Agradeço também o mestre **Fernando Kioshi**, por me influenciar a ingressar no curso de Educação de Educação Física.

Aos professores **Ricardo Ducatti Colpas e José Antonio Coletti dos Santos**, por transformarem meu entendimento do mundo.

Novamente ao professor **José Antonio Coletti dos Santos** pela orientação na construção desse trabalho, onde sem o mesmo não seria possível.

A **todos os professores do curso**, pelos momentos duros e pelos momentos alegres, em que todos foram responsáveis não só pela minha formação acadêmica mais como na minha formação e transformação como ser humano.

A **Tamires Roberta**, pelos momentos de ajuda, de companheirismo, de alegria, se tornando uma grande amiga que carregarei para o resto da minha vida. A **Daniela Fraga**, pelo tombos engraçados, pela companhia nas danças, pelos momentos inesquecíveis (lonnnnngeeeee, peeerrrrtttttooooo). Ao **Fabinho**, por ser um dos caras mais gente boa que já conheci, por sempre me apoiar nas nossas imitações (non equisiste). Ao gigante **César** (com acento), que aos poucos foi entrando na nossa galera, e apesar de depois de ele ter entrado o desempenho nos estudos de todos na turma ter diminuído, se tornou um verdadeiro irmão.

A todos os profissionais das Faculdades Integradas de Itapetininga, principalmente o **Marcão** e as **meninas da biblioteca**, que agüentaram durante esses três anos nossas artes.

Aos diretores, coordenadores do Colégio Objetivo de Itapetininga, **Cláudia Fernandes, Telma Lobo, Roberta Capuano, Carlos E. D'andreta, Sueli Lopes** e principalmente as professoras **Andreia Steidle e Liliane Guarnieri**. E ao coordenador e ao orientador do Centro de Lazer e Esportes do SESI Itapetininga, **Alencar de Lima e Flory Nunes dos Santos**, e a todos os demais funcionários dessas instituições, por oportunizarem a minha primeira experiência profissional na área e trazerem a mim a todo momento novos conhecimentos.

Um agradecimento especial aos professores da área de Educação Física do Colégio Objetivo, **José Antônio Barreiros, Marcelo Telles, Marco Antonio Albuquerque, Maria Célia Steidle, Geisel Palmeira, Vanessa Cerqueira, Patrícia Pereira e Alessandro Meira** por me darem a oportunidade de dividir o mesmo ambiente de trabalho, em volto de grandes profissionais, trazendo para mim grandes significados e crescimento.

MUITO OBRIGADO!

“Se a gente quiser modificar alguma coisa, é pelas crianças que se deve começar.”
Ayrton Senna.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo sensibilizar e trazer entendimento aos leitores sobre as dimensões que o esporte tem dentro da escola sejam eles os positivos ou negativos. A investigação foi feita através de uma pesquisa bibliográfica onde na sua primeira parte discutiremos qual é a função e como deve ser abordado o esporte dentro das aulas de Educação Física, apresentando os benefícios, os prejuízos e os cuidados que devemos olhar para essa prática inserida como instrumento de trabalho nas aulas de Educação Física. Já na segunda parte abordamos como assunto as práticas esportivas extracurriculares, como deveria ser entendido o posicionamento do professor e as relações pessoais que essa prática proporciona, o que se espera do professor enquanto mediador dessas práticas e quais são os motivos que levam as escolas a oferecê-las. Na terceira parte discutiremos sobre os processos de atuação do esporte dentro da escola, iremos aqui levantar como entendemos que deveriam ser administradas pedagogicamente a iniciação esportiva no âmbito das práticas esportivas extracurriculares, a conveniência de discussões teóricas dos temas esportivos tanto nas práticas esportivas extracurriculares como nas aulas de Educação Física curricular e também as possibilidades de práticas para o desenvolvimento das idéias propostas por esse trabalho.

Palavras-chave: Esporte escolar, Prática esportiva extracurricular, Proposta metodológica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, ESPORTE E COMPETITIVIDADE.....	08
3 AS PRÁTICAS ESPORTIVAS EXTRACURRICULARES.....	16
4 PROPOSTA METODOLOGICA PARA A INICIAÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR..	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O esporte, sendo talvez a maior manifestação cultural da nossa época, e talvez seja a manifestação que tem maior acesso dentro da escola nos dias de hoje, necessita que seja tratado para equalizar esse acesso. Logo, se faz necessário entendermos que proporção toma essa entrada, quais são as implicações que ela pode ter e dimensionar até onde existe o entendimento por parte do professor de Educação Física atual sobre essas implicações. Porém, na sociedade atual, principalmente sob a influência de como ela é organizada, existem questões que ainda mascaram a realidade das manifestações desta, seja ela no âmbito cultural, político ou econômico.

Partindo do pressuposto que existem novas possibilidades de se tratar o esporte na escola, levo em mente a seguinte questão: Qual seria a ideal metodologia de se trabalhar com o esporte educativo na escola que busca uma formação integral de seus alunos?

Para isso, a metodologia aplicada para a construção desse trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica.

A escolha do tema deve-se ao um interesse pessoal, instigado pela possibilidade de com um contato íntimo a trabalhos já desenvolvidos de esporte na escola e instituições não governamentais. Decidi então me prender na oportunidade de me aprofundar no tema, onde o mesmo trouxe-me novas concepções de se entender o esporte enquanto subsídio metodológico educacional.

Penso que esse estudo será de grande valia para o entendimento das dimensões sociais do esporte, desmascarando alguns aspectos positivistas dessa manifestação. Acredito que os profissionais de Educação Física que estiverem cientes dessa realidade terão nível qualitativo ascendente nas suas aulas, espero que material possa ser um objeto a ser explorado por docentes do nível universitário para trazer a tona discussões sobre o tema proposto para modelarmos o novo profissional crítico da área, assim sendo, acredito a esse trabalho uma grande importância à alunos ingressantes no curso de Educação Física.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, ESPORTE E COMPETITIVIDADE

Nessa parte do trabalho, iremos discutir qual é a função e como deve ser abordado o esporte dentro das aulas de Educação Física, apresentando os benefícios, os prejuízos e os cuidados que devemos olhar para essa prática inserida como instrumento de trabalho nas aulas de Educação Física.

Sabemos o tamanho do vínculo que se dá à Educação Física com o esporte, principalmente no âmbito do conhecimento empírico, que nessa área de conhecimento chega sinônimar as duas palavras. Sabemos também o quanto foi e é árduo o trabalho para desmistificar esse conceito imposto culturalmente pelas práticas da nossa disciplina em outras épocas. Não é objetivo do nosso trabalho fazer um percurso histórico do esporte dentro das aulas de Educação Física, nem questionar o quanto somos influenciados pelo momento histórico da nossa disciplina em que o esporte era o principal pilar de sustentação, sobre a justificativa que o esporte poderia ser um meio de alavancar o progresso da nossa nação. Porém, ignorar a importância que o esporte tem ou pode ter, dependendo aqui do olhar que o professor tem para essa prática, é no mínimo ingenuidade das pessoas que entendem o esporte como um fator negativo no ponto de vista educacional, e com essa justificativa chegam a abolir a prática esportiva nas aulas.

A negação do esporte não vai no sentido de aboli-lo ou fazê-lo desaparecer ou então, negá-lo como conteúdo das aulas de EF. Ao contrário, se pretendemos modificá-lo é preciso exatamente o oposto, é preciso tratá-lo pedagogicamente. É claro que, quando se adota uma perspectiva pedagógica crítica, este “tratá-lo pedagogicamente” será diferente do trato pedagógico dado ao esporte a partir de uma perspectiva conservadora de educação. (BRACHT, 2000, p. 6).

E se entendemos que o esporte é um produto enraizado sócio culturalmente no mundo, e entende-se a “[...] escola como um lugar de produção de cultura [...]” (VAGO, 1996, p. 12), e que a Educação Física tem como uma de suas áreas de conhecimento o estudo das Ciências do Esporte fica claro, primeiro, que o esporte é um tema a ser tratado dentro da escola, e segundo, que é incumbência da nossa disciplina discutí-lo e abordá-lo.

Assim sendo, fica a preocupação de identificar as percepções que se tem do esporte enquanto instrumento pedagógico. Nascem aqui duas vertentes em relação a essas percepções, a primeira onde o “[...] esporte é visto como a salvação para os problemas sociais, político, econômicos e culturais; a segunda, por sua vez, enxerga-o como regulador da sociedade, tendo a prejudicial função de “**mascarar**” toda essa problemática” (LETTNIN, 2005, p. 3, grifo do autor). O que fará toda a diferença nesse contexto é a posição política pedagógica que o professor terá relação a suas práticas dentro das aulas.

Porém, se pretendemos aqui, desenvolver um olhar para o esporte sobre uma perspectiva pedagógica crítica como citado pelo professor Valter Bracht (2000), ou progressista como preferimos abordar, deveremos aqui ter um cuidado especial com o tema. Apesar do mesmo já ter sido muito discutido no âmbito acadêmico, ainda restam algumas incertezas sobre a eficiência deste instrumento ou do papel do professor como condutor da aquisição do conhecimento dos alunos. Trazendo essa discussão para dentro da quadra, acreditamos que uma das preocupações que o professor deverá ter, dando um destaque a essa por se tratar de um conceito que vai de encontro com o contexto sócio-econômico-político e cultural atual, é com a competitividade.

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defender o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz “a dois”, e que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” adversário. (SOARES et al, 1992, p.70).

O compromisso que o professor deverá ter, nessa primeira perspectiva, é com a integração de todos os alunos sobre a mesma condição de se fazer a prática escolhida. Ou ainda, deverá se comprometer pela igualdade de oportunidades de construção de conhecimento dos alunos. Porém, se tratando de esporte, onde a competitividade está inserida com raízes muito fortes, retratando aqui a sociedade em geral principalmente sobre o influxo do capitalismo, esse compromisso do professor de apenas promover uma pratica que dê acesso ao maior número de interessados possível se mostra ainda insuficiente sobre a abordagem defendida nesse trabalho.

Sabe-se que o esporte competitivo está na sociedade moderna relacionado à idéia de produtividade, concorrência e técnica. Contribui a competição, por um lado, para uma situação de alienação, com efeitos favoráveis ao desempenho do capitalismo, e, por outro lado, para o crescimento de algumas práticas esportivas, ao considerar-se o avanço funcional e a expansão provocada pela mídia. (LETTNIN, 2005, p. 34).

Ou seja, a construção de conhecimento aqui tratado, não se trata apenas de trabalhar em grupos, ou ainda aquisição dos gestos técnicos, regras, posicionamento, e da cooperação que uma modalidade coletiva precisa ter para seu êxito. Na abordagem que defendemos, o papel e a preparação do professor é bem mais complexo, um exemplo pode estar na frase anterior deste trabalho: “cooperação que uma modalidade coletiva precisa ter para seu êxito”. O professor preocupado com o “[...] compromisso da solidariedade e respeito humano” (SOARES et al, 1992, p. 70) entenderá a cooperação como um fator inerente a construção do cidadão minimamente consciente da sua situação em relação à sociedade em que vive, e não, como um instrumento de busca ao êxito ou resultado. Assim sendo. “O aluno nas aulas de Educação Física saberá não apenas praticar uma determinada modalidade esportiva mas, também, o que é praticar uma modalidade esportiva num mundo que transformou isso em profissão”. (SOARES; TAFFAREL; ESCOBAR, 1993, p. 218).

Trazidos esses elementos, vê-se que o maior erro que normalmente se encontra no esporte tanto como instrumento nas aulas de Educação Física, tanto nas Práticas Esportivas Extracurriculares (PEE), que será mais amplamente discutida no nosso trabalho adiante, é a reprodução do esporte institucionalizado ou de alto rendimento nas práticas propostas para as aulas. Esporte esse, o de alto rendimento, onde o resultado é a significação ética e responsável de qualquer conduta de seus praticantes, e essa conduta se tornará ainda mais idônea ou adequada, sobre o ponto de vista do espectador, se o resultado final for positivo. Essa reprodução acalora a competitividade entre os educandos, trazendo precocemente o convívio com essa vicissitude. Alguns professores entendem que o contato com a competição enfatizada, pode ser uma maneira sólida de preparar os alunos para o mundo competitivo que os aguardam futuramente, ou ainda, que a competição pode ser um aspecto motivacional para a participação dos alunos nas aulas. O que deixa transparecer, é que profissionais que olham para a competitividade como um aspecto pedagógico positivo, tendem a banalizar uma filosofia ideológica e pedagógica necessária, a de que “devemos educar nossas crianças, pois elas são o futuro da nossa nação”, transformando-lhe num jargão de fácil emissão por educadores dos mais diversos ramos. Uma vez deixando o clichê e a redundância de lado,

construindo práticas com ênfase na competição, estaremos construindo um futuro ainda mais competitivo, indo de encontro aqui com vários problemas sociais que já vivenciamos hoje em dia: desemprego, desigualdade, violência, etc. Contudo, o que se espera sobre o ponto de vista da preparação dos alunos é a competência e não a competitividade. Ou seja, trazer significados, através do esporte nas aulas de Educação Física, que molde um ser humano competente e com capacidades de enfrentar a competitividade no dia-a-dia com ética e respeito humanizado, proposta essa diferente da idéia de competir por uma posição confortável na sociedade, que reflete a idéia de “se dar bem”, que nos faz refletir: Se eu me dou bem, o que acontece com o outro?

O principal equívoco histórico do entendimento do esporte-educação é a sua percepção como um ramo do esporte-performance, ou de rendimento. Nesta percepção equivocada, as competições escolares, que deveriam ter um sentido educativo, em vez disto, simplesmente reproduzem as competições de alto nível, com todas as suas características, inclusive seus vícios, deformando qualquer conceito de educação. (TUBINO, 1992, p. 31).

Sobre o ponto de vista motivacional, o esporte competitivo só é motivante para aqueles que têm condições de praticá-lo com algum ensejo de sair vitorioso. Os alunos que não tem essas condições (muitas vezes a maioria) nesses tipos de práticas já fica descartado o êxito e com ele a razão de praticá-lo. O professor, sobre essas circunstâncias, deve propor, em algumas oportunidades, atividades preparadas para o êxito, ou também, atividades em que os alunos sejam induzidos a superar suas próprias capacidades onde a comparação está em si mesmo e não com a habilidade do outro. Lembrando que, primeiro, o não êxito também faz parte da construção do aluno, e segundo, a comparação em atividades competitivas, como citada anteriormente, se faz muito presente, muitas vezes os alunos estão mais preocupados em comparar as suas habilidades com as dos outros alunos e deixam de se concentrar na aquisição de conhecimento que eles deveriam ter na atividade proposta.

Sob essa ótica, esperamos que as pessoas tenham como referência para comparação a evolução de seus próprios resultados. Assim sendo, o melhor salto de 5 metros ou a média de 3 metros da turma não deverá ser empecilho para aquele aluno “gordinho” se sentir satisfeito e realizado, motivado a melhorar cada vez mais seu salto de 2 metros. Talvez numa outra oportunidade, provavelmente num arremesso, esse aluno obtenha uma distancia maior em comparação com o restante da turma, sem que isso seja um desalento para os demais alunos. (FERREIRA, 2000, p. 99).

Outra problemática em relação a competitividade precoce, a ser discutida, é a possibilidade dessa prática acarretar em comportamentos que fogem da ética educacional e social: a violência no esporte.

Sterepravo e Mezzadri (2003, p. 50) dizem que a violência dentro do esporte pode ser distinguida de várias maneiras, uma delas é “[...] se a violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta forma de uma agressão física direta ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou atitudes não verbais”. Os autores, através de uma pesquisa, chegaram a conclusão que as crianças fora do jogo têm certo controle das suas ações violentas ficando somente no campo da violência simbólica, porém, em situação de jogo essa ação muda de campo chegando à agressão física. Aqui o professor encontra a oportunidade de utilizar de um procedimento, que sem muita reflexão poderia ser julgado como um ponto negativo sobre o ponto de vista pedagógico, como um instrumento pedagógico positivo. Surge então a possibilidade do entendimento do esporte como um instrumento de avaliação do autocontrole das crianças e de compreensão do mundo sócio-cultural.

A ênfase na vitória fica muito nítida quando são realizados jogos entre escolas ou turmas. Não são raras as vezes em que esses jogos descambam para a violência, envolvendo agressões verbais e até físicas por parte de atletas e torcidas, deixando de ser grandes momentos de confraternização para transformarem-se em verdadeiras “**guerras**”. (FERREIRA, 2000, p. 97) (grifo do autor).

Outra questão que podemos relacionar com a violência no esporte, nesse caso, por exemplo, no âmbito da violência simbólica, é o preconceito. O esporte sempre esteve envolvido com a discriminação, o futebol, a modalidade mais massificada no Brasil e no mundo, seja talvez por isso, onde a discriminação mais ocorreu. Na história do futebol brasileiro não faltam exemplos, principalmente de discriminação racial. Passagens como a expressão “pó-de-arroz” no Fluminense¹ e o lendário ataque a Leônidas da Silva pela torcida

¹ O racismo pegou, no Rio de Janeiro e São Paulo, todos os grandes clubes. Mas sem dúvida, sempre foi exemplar no Fluminense, que deve a expressão pó-de-arroz ao jogador negro Carlos Alberto: para disfarçar a cor da pele e ser aceito, ele aplicava espessas camadas de pó-de-arroz no rosto (FILHO 1964 apud CORRÊA, 1985).

do América², entre outros, não podem ser esquecidos e devem ser trabalhados como conteúdo de discussão dentro das aulas. Porém nas aulas de Educação Física, além da discriminação racial, entre outras manifestações, vê-se outros dois tipos de discriminação que merece certo destaque, o primeiro, pela habilidade, e o segundo, por questões de gênero (DARIDO; SOUZA JR, 2002).

A discriminação por habilidade talvez seja a mais aparente (isso não significa com maior frequência ou intensidade). Que professor nunca ouviu a seguinte frase: “Professor, posso tirar time?” E quem nunca vivenciou esse momento e sempre temia em ser o último a ser escolhido. Sobre o ponto de vista da inserção, ser o último escolhido não é a maior adversidade que se possa encontrar, o problema se encontra quando o aluno, por forças que persistem ininterruptamente por algum tempo, nem se dispõe a ser escolhido.

Um dos fatores apontados por Altmann (1998) que leva a esta exclusão por habilidade, é o caráter competitivo presente na prática esportiva escolar. Esse caráter competitivo acaba por promover uma “seleção natural”, onde apenas os mais aptos são aceitos. Assim, acoplados à habilidade têm-se a idade, a força e o gênero agindo como critérios determinantes desta seleção natural (DARIDO; SOUZA JR, 2002, p. 3).

Essa distinção pela habilidade pode acarretar, ou relacionar com a questão do gênero no esporte ou dentro das aulas de Educação Física. “A distinção desses padrões de rendimento e as possibilidades segundo valores adotados (morais, intelectuais e físicos) é que mantêm a mulher subalterna ao homem no sistema capitalista.” (SARAIVA, 1999, p. 78). O Gênero é um assunto de maior enleio, sendo que muitos trabalhos vêm sendo construídos nessa perspectiva de discussão, e novos significados e tributos vem sendo levantados. Para conceituar de maneira ínfima a questão de gênero usaremos Scott (1995 apud DARIDO; SOUZA JR., 2002, p. 1) onde dizem que “[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” É esse entendimento que temos da manifestação do gênero nas práticas esportivas escolares, uma maneira corriqueira de ratificar o poder masculino. “Altmann (1998) afirma que o esporte – e mais especificamente o futebol – é um espaço

² Passagem histórica onde Leônidas se recusou a jogar no América-RJ, onde por ser negro ficaria um ano no banco de reservas, não participaria do quadro social do clube e só poderia entrar nas dependências do clube pela entrada de serviço. A torcida influenciada pela diretoria do clube manifestou a maior difamação que se tem notícia. Surgiram coros como “negro sujo, crioulo nojento, preto sem vergonha.” Determinado dia Leônidas revidou gestualmente e quase foi linchado pelos torcedores (FILHO 1964 apud CORRÊA, 1985).

masculino na escola, e, deste modo, a conquista pelas meninas deste espaço desafia a “soberania masculina”. (DARIDO; SOUZA JR, 2002, p. 6). Espera-se que os espaços esportivos escolares, “[...] as quadras, pistas, ginásios, piscinas seja um espaço cotidiano da presença da mulher, em seus direitos de ser humano, sendo valorizado em seu desempenho e esforço, sem discriminações e preconceitos e exclusões.” (KNIJNIK; VACONCELOS, 2002 apud ZUZZI, 2005, p. 56). Sendo assim, o desafio ao professor é de, além de oportunizar a presença feminina nas práticas esportivas escolares, trazer esses significados para discussão em aula, relacionar o tema e os conflitos com a problemática do gênero na sociedade, trazendo assim mais significado a aula e da existência da Educação Física enquanto disciplina escolar.

Trouxemos até aqui, várias atribuições, que sobre a influência da competitividade, pode ser determinante na construção do conhecimento dos alunos. Porém, o que defendemos aqui não é a negação da competição dentro das aulas de Educação Física ou da escola. Como já colocado pelo professor João Batista Freire (1997, p. 151) “[...] a competição estaria na raiz mesma da própria sobrevivência do homem”. O que esperamos é a construção do conhecimento do aluno sobre competitividade, trazendo a ele vivencia dessa conduta ou procedimento, sobre todos os aspectos, sejam eles os positivos ou os negativos, e, através desse conhecimento, inculcar no mesmo a capacidade de discernir e filtrar essa absorção por ele mesmo e trazendo por ele mesmo significados na sua construção de ser humano solidário e de entendimento do mundo.

Em relação ao esporte, se entendemos a escola como um lugar de produção de cultura, como já defendemos no início desse capítulo citando o professor Tarcísio Mauro Vago (1996), usaremos o mesmo autor e as considerações desse trabalho, para defender uma nova cultura esportiva para a escola confrontando com as práticas esportivas da sociedade. Porém, não negaremos uma relação com o esporte institucionalizado que está inserido em supremacia na sociedade, uma vez que a escola é uma manifestação desta. O que desejamos é que com a relação entre esses dois fenômenos surjam novos significados e conhecimentos para os alunos que entenderão o esporte a partir dessa perspectiva.

Existe, a meu ver, uma prática cultural de esporte na sociedade que certamente penetra na escola, e ela, na medida em que produz uma cultura escolar de esporte, pode relacionar-se com essa prática, confrontando-a, colocando-a em conflito, enfim, estabelecendo com ela uma tensão permanente. (VAGO, 1996, p. 16).

Sendo assim, o objetivo desse primeiro capítulo foi de sensibilizar os leitores para a necessidade, a partir dessa nova concepção de esporte na escola, de instigar a sociedade em geral a uma nova cultura esportiva, acreditando que a escola deve ser um agente transformador ideológico intervindo nas manifestações que ocorrem além dos muros que a cerca.

Cabe-lhe, então, ao tratar do esporte, produzir outras possibilidades de se apropriar dele – é o processo de escolarização do esporte – e, com isso, influenciar a sociedade para conhecer e usufruir de outras possibilidades de se apropriar do esporte. Buscar uma tensão permanente entre o espaço social da escola e o espaço social mais amplo. É isso que caracteriza um movimento propositivo da escola em suas relações com as práticas culturais da sociedade. (VAGO, 1996, p. 12)

3 AS PRÁTICAS ESPORTIVAS EXTRACURRICULARES

O esporte entra na escola por diversas maneiras, seja ela formal através de aulas previamente planejadas e preparadas, ou informalmente, como atividades de intervalo, com ou sem monitoramento, ou ainda, alguma prática esportiva em algum momento de ócio dos alunos, podendo até mesmo ser preparadas por eles mesmos. Uma maneira que as escolas, essa principalmente mais usada pelas privadas, tem para oferecer o esporte de maneira formal é como atividade extracurricular. Definindo o termo, “Prática Esportiva Extracurricular – esporte (definição sobrescrita) oferecido pelas escolas além das disciplinas curriculares/obrigatórias”. (BUENO, 2000 apud LETTNIN, 2005, p. 7). Partindo dessa conceituação e fazendo um levantamento bibliográfico, o que pretendemos discutir nessa segunda parte do trabalho é como deveria ser entendido o posicionamento do professor e as relações pessoais que essa prática proporciona, o que se espera do professor enquanto mediador dessas práticas e quais são os motivos que levam as escolas a oferecer as Práticas Esportivas Extracurriculares (PEE).

Levantando nosso primeiro posicionamento em relação a esse tipo de prática, entendemos que o olhar que se deve ter para as PEE, não se diferencia muito, sobre o ponto de vista das inquietações que o professor deverá ter, das que propomos para as práticas esportivas como instrumento pedagógico das aulas de Educação Física na primeira parte desse trabalho, principalmente se tratando do compromisso que o professor deverá ter com a formação integral do aluno

Os pesquisadores Cardoso e Gaya (1996) fizeram seus estudos com relação à motivação para crianças e jovens, constatando que crianças e jovens que praticam esporte em escolinhas e participam de competições valorizam mais a competência desportiva, enquanto as crianças praticantes de esporte só nas aulas de Educação Física valorizam mais os motivos relacionados com os aspectos relativos à saúde, à amizade e ao lazer. (BERLEZE; VIEIRA; KREBS, 2002, p. 100).

Apesar de levantarmos e defendermos essas similaridades com a Educação Física (EF) escolar, as PEE tem suas peculiaridades, principalmente sobre a oportunidade de um tempo muito maior para a relação entre professor e aluno e a aproximação da família do aluno que normalmente acontece nessas práticas. Assim sendo, nossa primeira preocupação relaciona-

se as práticas e as discussões organizadas para os alunos e, mais adiante, para seus familiares, e é aqui que a similaridade com a EF escolar, no nosso entendimento, deveria ser ressaltada. Entendemos assim, porque acreditamos nas PEE como um lugar de ensino de uma modalidade esportiva, entendemos ainda e discutiremos adiante, que as propostas para esse tipo de prática, nas idades iniciais, deveriam ser de ensino de uma gama infinita de práticas corporais, não se limitando a uma única modalidade esportiva. Mas se entendemos que nessa oportunidade indiquemos para uma promoção do “ensino” de uma modalidade esportiva, ainda sobre uma perspectiva crítica que defendemos na primeira parte, estaremos indo na contramão de uma prática que normalmente se dá nas PEE, o treinamento desportivo.

A literatura americana especializada, distingue muito claramente a função de ensinar (*teaching*) e de treinar (*coaching*). É uma questão de coerência as duas visões e as duas aceitações como atividades profissionais separadas e para esta análise, tudo leva a ser analisado e bem delimitado como também a própria preparação para sua consecução. (SHIGUNOV, 2000, p. 45).

A partir do momento que esporte entra na escola, o que deve prevalecer é seu aspecto educativo e quando se nega esse aspecto acaba que persistindo “[...] as exacerbações dos talentos em detrimento dos outros estudantes, e até os vícios do esporte de alto nível, na ambiência escolar” (TUBINO, 1992, p. 41). Esse posicionamento em relação ao esporte na escola encontra amparo até mesmo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional onde decreta no seu artigo 27, inciso IV a “[...] promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais” (BRASIL, 1996). Ou ainda na Constituição Federal de 1988, onde no Capítulo III, Seção III, Artigo 217, inciso III, decreta “[...] o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional” (BRASIL, 1988). Para Shigunov e Pereira (1994 apud LETTNIN, 2005, p. 20):

Programar atividades desportivos-motoras com objetivos educacionais num contexto escolar inicial parece implicar o estabelecimento de uma filosofia diferente da que é praticada nos clubes, onde há tendência para uma especialização precoce que facilita o acesso a competições e, conseqüentemente, à conquista de resultados.

Apesar de em nenhum momento as colocações ou citações acima defenderem nomeadamente o processo de ensino do esporte nas PEE, diferentemente de uma oportunidade

de treinamento desportivo, fica claro que o que se espera do esporte escolar é uma posição diferenciada do esporte em busca do resultado e semelhante a uma prática solidária. Entendemos ainda, que apesar de termos citados algumas leis para embasar nosso posicionamento, acreditamos que o profissional que se ancorar ou ser influenciado pela lei para ter esse tipo de posicionamento, pouco conseguirá dar continuidade na sua metodologia, uma vez que isso dependerá de adquirir o seguir um posicionamento político-pedagógico, pois, se assim não for, logo essas novas concepções cairão no esquecimento do profissional. Além das questões acima levantadas sobre o posicionamento metodológico do professor nas PEE, existe também a preocupação, essa mais no ramo fisiológico, onde “[...] a estrutura corporal da criança como um todo não está preparada para aceitar atividades demasiadamente sistemáticas, regras rigorosas e imposição de professores e treinadores” (LETTININ, 2005, p. 33). E quando colocamos acima que, o que deve prevalecer no esporte escolar é seu aspecto educacional, firma-se necessário, além de desenvolver habilidades corporais e psicomotoras, devemos levantar também as questões do coletivo, da ordem, da solidariedade, da sociedade em geral, principalmente se acreditamos na escola como um agente transformador do nosso país, onde sob a legitimidade de sermos a segunda pior distribuição de renda do mundo (RIBEIRO, 2005), se faz mais que necessário discutirmos ou incutirmos no contexto esportivo das nossas aulas temas transversais como esses. Porém, fica difícil de imaginar a possibilidade de se apropriar desses temas num treino onde o principal objetivo é a técnica e o rendimento.

Faz-se necessário compreender que a Pedagogia do Esporte está presente na iniciação e também no treinamento esportivo, na Educação Formal assim como da Educação Não Formal, atendendo assim a todos os segmentos da sociedade. Portanto, seu principal objetivo será a aprendizagem social. (PAES, 2006, p. 171).

Quando se fala de aprendizagem social, muito se fala em um dos adjetivos que facilmente se dá as modalidades esportivas como um todo, como um agente sociabilizador ou de socialização. Mais o que vemos não é bem isso, vemos que socialização no esporte escolar atual é de subordinação dos valores e normas da sociedade atual reproduzindo e reforçando a ideologia capitalista. (BOAS; FONTANELLA; PEREIRA, 2000). Aprendizagem social através do esporte vai além de proporcionar aos alunos a convivência com o outro, deve ser, sobretudo, o ensinamento e entendimento da realidade em que se vive. Entendemos que

ensinar uma modalidade esportiva nessa perspectiva não é simplesmente reunir um grupo de alunos para executar movimentos repetitivos e decorar as regras de uma modalidade esportiva. Esse tipo de ensinamento (ou treinamento) estará fatalmente compromissado com a rapidez na aquisição do conhecimento pelo aluno, levantando aqui a controvérsia da qualidade desse conhecimento, o favorecimento do não questionamento e de produtividade alienada e acrítica, tudo isso com forte simetria ao capitalismo sobre o ponto de vista da produção exacerbada. Portanto, espera-se que professor ao assumir uma posição de controle de uma aula, primeiro; conhecer a realidade social onde seus alunos vivem, para depois indicar o tipo e o posicionamento das discussões transversais, e segundo, sobre o ponto de vista da implicação crítica dos alunos; deve propor atividades em que os alunos sejam instigados analisar e a julgar essa prática. Ela não virá pronta, arredondada, ela será construída na organização de várias argumentações do professor e dos alunos sob a orientação do objetivo planejado anteriormente para aquela oportunidade.

O professor que se utiliza do comando e tem como objetivo a aprendizagem dos fundamentos esportivos teme o aparecimento de conflitos, pois eles prejudicam a ordem e a produtividade. Ele se esquece que a busca pela solução conjunta do conflito pode ter como resultado uma melhora nas relações e/ou funcionamento do grupo. (MATTOS; NEIRA, 2000, p. 84).

O que se espera do professor sobre essa ótica, é que ele ao transmitir as possibilidades de práticas para alcançar o objetivo proposto para a aula deixe lacunas a serem preenchidas pelos alunos, para que os mesmos coloquem suas considerações e raciocínios a cerca da atividade. Dentro dessas considerações, deverá o professor também, oportunizar aos alunos ações autônomas, recolhendo as verbalizações de correção de movimentos esperados para determinada ação, transformando o aluno no protagonista da sua própria construção do conhecimento, deste modo, as rodas de conversação antes e depois da prática é de grande importância, e é nesse momento onde as questões, como citamos acima, da sociedade em geral, ganha sua deixa para encenar. “É preciso aprender a discutir o que acontece no esporte, por exemplo a questão política dos boicotes olímpicos, os ídolos, e não simplesmente negá-los” (BETTI, 1995, p. 27). E usando a questão dos ídolos como exemplo, uma maneira do professor trazer essa questão para discussão, é mostrando para

[...] a criança que, antes de tudo, ela precisa ser ela mesma e, percorrer um caminho onde ela poderá chegar a ser quem sabe um atleta, mas para isso ela irá descobrindo gradativamente suas potencialidades e capacidades, e ele, professor, está ali justamente para ajudá-la nesta caminhada. (LETTNIN, 2005, p. 27).

Dentro das peculiaridades que as PEE demonstra, e que nos levanta serias preocupações e assim nos motiva a trazer para esse trabalho, é a questão da aproximação ou influências, nessa perspectiva exacerbada e repleta de equívocos, da família do aluno para com o professor ou para as práticas. Para as considerações dessa peculiaridade, usaremos de um olhar hermenêutico e fenomenológico, através de citações bibliográficas, usando aqui o caso do Futsal como PEE. Normalmente, o que se vê, em relação ao acompanhamento dos familiares, é a forte intervenção dos mesmos nas realizações dos alunos, seja na aula ou num jogo, trazendo muitas vezes uma influência extremamente negativa.

Os pais que normalmente acompanham o treino fazem-no cobrando qualidade na participação de seus filhos por meio de gestos, ou mesmo verbalmente, reprovando ou aprovando determinadas atuações, o que acaba tirando a espontaneidade e a liberdade dos alunos atletas. (TEIXEIRA, 2003, p. 76).

Quando essas manifestações saem do treino e passam para o jogo, torna-se ainda mais preocupante, o calor da competição do jogo, acabam por transformar os pais e familiares dos alunos, transformação essa muito perigosa. É comum ouvir pais chamando o arbitro de ladrão ou de outros “adjetivos”. O que me parece nessa situação é que talvez os pais não percebam que seus filhos estão presentes, e pior, muitas vezes, em outras oportunidades, até mesmo ao assistir um espetáculo esportivo com o filho, tende a ter atitudes extremamente moralistas ao indicar ao filho exemplos a não serem seguidos, sendo que esses exemplos muitas vezes são praticados pelo pai ou familiares com certa recorrência.

A torcida, composta por familiares, principalmente pelos pais, exerce extrema influencia sobre o desenvolvimento do jogo, afetando o desempenho dos alunos atletas, interferindo nas orientações do professor-técnico e tentando fazer com que as decisões da arbitragem favoreçam a equipe. Durante o jogo, a euforia se transforma em exigência e esta pode se transformar em ofensas – invariavelmente destinadas à arbitragem – e até mesmo em violência. (TEIXEIRA, 2003, p. 79).

O professor, diante dessa situação, muitas vezes pode se perguntar: como lidar com essa situação? Ou ainda, entende que não é de sua responsabilidade intervir em atitudes de familiares de seus alunos. No entanto, no começo dessa parte levantamos que a aproximação da família é uma das peculiaridades das PEE, e sobre esse aspecto, o professor deve trazer essa peculiaridade a seu favor no processo de metodologia do esporte. Uma maneira de trazer a seu favor e de trabalhar essa aproximação pode ser dividindo com os familiares as responsabilidades e as discussões que vem sendo tomadas e preparadas para os alunos nas aulas, e, primeiramente, dando oportunidade para que o mesmo, e por si mesmo, pondere a cerca das suas atitudes e entenda que está indo de encontro ao processo educacional que o esporte esta proporcionando ao seu filho, ou ainda, numa segunda oportunidade se necessário, o professor pode dar essa diretriz para o familiar, se entender que o mesmo ainda não teve a compreensão da dimensão do choque do posicionamento que o professor tem na aula e das atitudes que o familiar tem no jogo em relação ao processo educativo da criança.

Ainda sobre a perspectiva da questão do jogo, outra preocupação que surge é como a escola, através da direção ou coordenação, direciona seus trabalhos após um resultado positivo ou negativo, essa preocupação é significativa, pois é em cima da conduta que a escola tem nesses momentos que o professor, ou até mesmo outros interessados, tem condições de diagnosticar a idoneidade e a confiabilidade do projeto educativo do esporte escolar que muitas vezes nessas ocasiões, influenciados pelas regras impositivas dos torneios, esses coordenadores e ou os diretores de escola, acabam tomando funções de dirigentes esportivos “[...] que, mesmo não oferecendo as condições ideais para a preparação da equipe, utilizam os resultados positivos e os títulos conquistados como *marketing* da escola e reconhecimento pessoal dentro e fora da comunidade escolar” (TEIXEIRA, 2003, p. 77).

Essas posições levam a reflexão de outra problemática que cerca a oferta de uma modalidade esportiva como atividade extracurricular, a questão dos motivos que levam as escolas a ofertarem essas práticas. Os estudos de Geuss (1988 apud LETTNIN, 2005) levam a fundo essa problemática e levantam duas perspectivas sobre os motivos ou interesses, onde o primeiro foi denominado como reais e o segundo como meramente aparentes.

São considerados “**reais**” quando se propõe a atender conscientemente o avanço do homem, sem prejuízos para a espécie humana; e “**meramente aparentes**”, quando exercem uma falsa ideologia baseada em situações que satisfazem os interesses imediatos de forma inconsciente. (LETTNIN, 2005, p. 35.) (grifo do autor).

As escolas, principalmente as privadas, entraram de vez na disputa mercadológica e na demanda capitalista, e, “[...] o esporte passou a ser o **“carro chefe”** das empresas e instituições de ensino como mais uma forma de sobressair sobre seus concorrentes”. (LETTNIN, 2005, p. 37, grifo do autor). Assim a existência das PEE se torna uma opção dentro de um pacote promocional, e muitas vezes o esporte não faz parte de uma elaboração ou organização pedagógica da escola, normalmente se tem as práticas dentro das escolas porque é moderna, atual. E, além do interesses de disputa de mercado, onde a escola privada assim se insere no sistema de procura e oferta, “[...] o fato é que as práticas extracurriculares estão presentes nas escolas porque são lucrativas e porque o esporte causa uma impressão positiva na sociedade como um todo, mesmo que não seja isso o que sempre se diga.” (LETTNIN, 2005, p. 115). Esta questão da não elaboração ou organização pedagógica das PEE, que acaba por influenciar em toda essa despreocupação com as questões metodológicas e mercadológicas do tema, incitadas muitas vezes pela não associação do esporte escolar com o projeto político-pedagógico da escola, muitas vezes esta associada também à idéia, que normalmente se tem, de que o esporte é capaz de educar por si mesmo, sem nenhuma interferência pedagógica exterior. Estudos de Menéndez (1992) apoiados por Santos (2000) levantam dois pressupostos sobre o tema.

O primeiro, quando afirma que o desporto em si não educa o jovem e seus efeitos pedagógicos dependem da situação criada em torno da atividade desportiva e da interação social, que, em grande medida, determina o treinador. A forma e o método passam a ser mais importantes que o conteúdo do desporto praticado. O segundo está relacionado com o que se diz dos desportos: sempre se proclamam muito seus efeitos educativos mas se faz pouco por ele; em outras palavras, existe um abismo entre o dito e o feito, entre as intenções e a ação. (SANTOS, 2000, p. 79).

Acreditamos no processo educacional do esporte enquanto PEE. Porém, na nossa perspectiva, tudo depende da posição da instituição e do professor em relação ao mesmo, sendo determinante que o intuito seja de alcançar uma proposta educativa, não de apenas oferecer mais uma prática “diferenciada” dentro da escola. E como levantamos no começo dessa parte, este tipo de prática é comumente oferecida pelas instituições privadas, lógico, sob as influências já levantadas aqui, que acabam determinando o não uso dessas mesmas práticas pelas instituições públicas, e acreditamos tanto no processo educacional do esporte que acreditamos que nas instituições públicas ele teria uma função primordial, principalmente na perspectiva da regulação social de acesso a oportunidades de práticas, que nesse caso é o

esporte. A PEE pode ter nessa oportunidade vários méritos “[...] que vão desde afastar a criança da marginalização, das drogas e da prostituição até sua manutenção na escola [...]” (BOAS; FONTANELLA; PEREIRA, 2000, p. 90).

do ponto de vista geral, seria importante que a escola voltasse a desenvolver o esporte com essa ênfase, pois seria um segmento que poderia fornecer esse serviço às crianças e jovens impossibilitadas de frequentar os clubes e que não possuem grande talento desportivo. Isto diminuiria a tendência elitizante do esporte atual. (BOAS; FONTANELLA; PEREIRA, 2000, p. 90).

Que nos remete a outra consideração que devemos fazer sobre a importância das PEE como oportunidade de prática. Ao analisarmos o avanço urbano das últimas décadas, fica fácil de constatar a falta de lugares para práticas esportivas de maneira mais lúdica e de lazer que não seja nos clubes, constatação essa tão evidente que foge das discussões acadêmicas e normalmente é tema de discussões empíricas. Deste modo, surge uma nova função, que neste caso deve ser o papel tanto das instituições de ensino públicas como privadas, proporcionando um serviço às políticas públicas de esporte.

Tani e Manoel (2004) ao explanarem a idéia decorrente de pensamento que defende a atividade física, dizem que esta considera a escola, o único espaço que resta para a criança praticar sistematicamente o esporte devido à falta de espaços físicos em decorrência do crescimento e planejamento urbanos desordenados, e da diminuição do tempo livre e das oportunidades para atividades físicas causadas pela vida moderna. (LETTNIN, 2005, p. 50).

Assim, após levantarmos essas peculiaridades e funções das PEE, fica evidente a sua importância sob vários aspectos, contudo a nossa preocupação maior é a falta de estima que habitualmente se tem dentro da escola, seja essa falta de estima conduzida pelos diretores, coordenadores e muitas vezes até mesmo os pais de alunos. Porém essa estima ou importância e os méritos que o esporte pode receber por essa importância dependem da consideração e postura do professor terá em relação a essas práticas, caracterizando aqui a estima própria dele em relação a suas práticas. E nesse aspecto, o maior erro que normalmente encontramos, é a não preocupação dos professores e coordenadores em disponibilizar nessas oportunidades discussões de temas que ultrapassam as linhas da quadra, sobre a justificativa de que isso seria

papel das aulas de Educação Física ou de uma disciplina mais formal, esbarrando aqui em outro mérito que deveríamos dar ao esporte, o desenvolvimento integral de seus praticantes. Contudo o assunto dessa segunda parte fica ainda em aberto para discussão da comunidade acadêmica, uma vez que consideramos o tema não encerrado e constatamos, durante os estudos, que ainda pouco foi discutido sobre esse tema nomeadamente.

4 PROPOSTA METODOLOGICA PARA A INICIAÇÃO ESPORIVA ESCOLAR

Nessa terceira parte do trabalho, iremos discutir sobre os processos de atuação do esporte dentro da escola. Iremos aqui levantar como entendemos que deveriam ser administradas pedagogicamente a iniciação esportiva no âmbito das PEE, a conveniência de discussões teóricas dos temas esportivos tanto nas PEE como nas aulas de Educação Física curricular e também as possibilidades de práticas para o desenvolvimento das idéias propostas por esse trabalho.

Sobre a iniciação esportiva dentro da escola, defendemos uma introdução dividida por ciclos, etapas ou fases que vão desde o enriquecimento da bagagem motora do aluno até a especialização de uma modalidade esportiva, passando pelos jogos pré-desportivos e pelos primeiros contatos com os fundamentos de uma modalidade específica levando em conta as fases de desenvolvimento da criança trazidas por Piaget, uma vez que normalmente se vê nas escolas, é exatamente o contrario disso, assim que os alunos se inscrevem ou se dispõem a participar de um projeto esportivo na escola, logo são instigados a escolher a modalidade esportiva que mais lhe agrada, e subseqüentemente a aprender as técnicas, fundamentos e movimentos específicos dessa modalidade sem que fosse preparado motora e psicologicamente para fazer essa escolha, ou para que ele tenha solidez que essa modalidade esportiva é a que lhe dará maior satisfação pessoal futuramente.

Apontamos o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce. A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Esse procedimento, segundo Fiorese (1989), poderá ter conseqüências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce. (MACHADO, 2006, p. 14).

Talvez a melhor maneira de o profissional iniciar a criança no mundo esportivo, afastando-a das vicissitudes da especialização precoce, seja o uso abundante do jogo. No jogo prevalece valores diferentes do esporte em si, valores além da vitória, como a satisfação de simplesmente jogar. Uma vez levantando essa possibilidade de prática, é importante salientarmos e entendermos a diferença entre essa duas práticas muito comum no nosso universo, o jogo e o esporte.

O jogo exige um processo; a prática esportiva um adversário. A diferença recai sobre o grau de ansiedade, cobrança de resultado, e sobre a técnica, levando a um adestramento. No jogo, em geral, prevalece o caráter do riso; na prática de uma modalidade, ocorre o contrário; no esporte os jogadores são estimulados a vencer de qualquer maneira; no jogo, há um espaço para a liberdade em que a criatividade encontra-se presente (KORFF, 1993 apud MACHADO, 2006, p. 21).

Logo, entendemos que não só no processo de iniciação esportiva como na formação da criança como um todo, o jogo tem um papel fundamental para a criança, da a ela a oportunidade de fantasiar, fazer de conta, ter as primeiras dimensões do mundo, cria significado de fazer e não fazer porque o professor mandou.

Mais quando começar? Quando a criança pode ter seus primeiros contatos com as dinâmicas motoras de uma iniciação esportiva proposta por esse trabalho? Para responder essas perguntas, recorreremos à fundamentação de um projeto muito bem abalizado pelo Serviço Social da Indústria do Estado de São Paulo, o Programa Atleta do Futuro (PAF), onde as crianças iniciam no projeto aos 7 anos de idade e concluem essa iniciação aos 15 anos de idade, ao terminarem a ultima fase do projeto que é dividido da seguinte maneira:

- Fase 1 – BASE MOTORA (7 e 8 anos);
- Fase 2 – PRÉ-DESPORTIVA (9 e 10 anos);
- Fase 3 – ESPORTES I (11 a 13 anos);
- Fase 4 – ESPOTES II (13 a 15 anos). (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2006).

Começando a aprendizagem na faixa etária dos sete/oito anos, observando suas particularidades e especificidade, para depois, só após os doze/treze anos, iniciarmos essas crianças no treinamento desportivo, estaremos contribuindo para o desenvolvimento dos esportes coletivos, que ocupam um lugar de destaque no cenário desportivo de nosso país e, em particular, no âmbito esportivo escolar. (ALMEIDA, 2008).

Na fase denominada Base Motora (7 e 8 anos), será priorizado o desenvolvimento da bagagem motora da criança, utilizaremos brincadeiras e jogos para angariar esse objetivo evitando a competição, dando ao alunos “[...] a oportunidade de conhecer o seu corpo, seus movimentos e ainda noções de espaço”. (MACHADO, 2006, p. 13).

Do ponto de vista psicossocial, Piaget, conforme já explicitado, indica que nessa idade a criança já encontra-se apta para aprendizagem inicial dos desportos, pois já participa de atividades que utilizam regras, porém, ainda não está apta para o jogo coletivo de competição. Isso significa dizer, que na idade de 7/8 anos, o esporte coletivo exerce fascínio nas crianças, muito mais pelo prazer da atividade e da coletividade (estar junto) do que pelo próprio jogo (competição). Isso se deve ao fato delas estarem ainda muito voltadas para si próprias (egocêntricas). A criança nessa idade não joga contra o outro, ela joga para si mesma. (ALMEIDA, 2008).

Já na fase Pré-desportiva (9 e 10 anos), o jogo ganhará uma importância ainda maior, seja no formato de jogos adaptados ou pré-desportivos vislumbrando o maior número de modalidades esportiva possível, “[...] conhecendo através do jogo os diferentes elementos que compõem cada modalidade”. (MACHADO, 2006, p. 13). Dando a criança embasamento motor e psicológico para escolher uma modalidade específica para a próxima fase.

O desenvolvimento desses processos vai permitir a criança, socializar-se, pois começa a se preocupar com o outro, a se colocar no lugar do outro (ressente-se profundamente, por exemplo, pela punição do grupo por causa da culpa de alguns), experimentando sensações de respeito pelo outro e, por volta dos 9/10 anos, sente o desejo de participação coletiva, seja no jogo ou num grupo social (grupinho). “Elas vêem umas as outras sob uma nova luz – à luz da posição social” (Piaget, in Charles, 1975, p.21), num processo que irá atingir seu ápice por volta dos doze, treze anos de idade. (ALMEIDA, 2008).

Fase Esportes I, é nessa fase que a criança terá seu primeiro contato com uma modalidade esportiva específica, que terá como “[...] ênfase no processo de ensino aprendizagem das habilidades específicas (técnica); noções gerais dos sistemas táticos básicos do esporte”. (SERVIÇO SOCIAL DA INSDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2006, p. 13). Nesse estágio participarão as crianças e jovens de 11, 12 e 13 anos, podendo os jovens de 13 anos estarem nesta ou na próxima fase, dependendo da organização que o professor

tiver como estrutura do projeto, ou ainda, lançar alguns objetivos a serem alcançados para os alunos de 13 anos possam passar para a próxima fase do projeto.

É também, a partir dessa idade, que a criança jovem torna-se capaz de compreender as regras (de discuti-las sob o prisma do “certo” ou do “errado”) no sentido mais amplo (social, esportivo, etc.), pois percebe-a como fator condicional para que uma atividade possa ser praticada, por um grupo de pessoas. Isso significa dizer que essa compreensão, nas atividades recreativas, permite a modificação de uma determinada regra, quando essa é considerada “errada” ou “não conveniente para a atividade”, para adequá-la às necessidades do grupo. (ALMEIDA, 2008).

E na fase Esportes II, o enfoque é de um grande aprofundamento dos conteúdos desenvolvidos durante o projeto e principalmente os da fase anterior, dando uma ênfase em alguns conteúdos como a “[...] análise técnico-tática dos elementos do esporte; ênfase no processo de aperfeiçoamento das ações; análise dos possíveis sistemas a serem utilizados; aprendizagem mais aprofundada das regras de cada modalidade esportiva”. (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2006, p. 14).

O estágio final do aprendizado permitirá, então, a iniciação específica com uma modalidade. A partir desta fase, a competição poderá estar presente; mesmo assim, com adaptações compatíveis com as opções do ser humano em questão. Estas adaptações devem acontecer privilegiando diferentes níveis de atuação na criança durante o jogo. (MACHADO, 2006, p. 13).

Porém, existe uma observação a se fazer sobre a indicação que o Programa Atleta do Futuro (PAF) do SESI-SP faz sobre os temas transversais a serem abordados pelos professores: “[...] ética; pluralidade cultural; meio ambiente; trabalho e consumo; orientação sexual; saúde”. (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2006, p. 15). Lógico, dentro do que o trabalho propõe desde seu início, somente desenvolver atividades de bom desenvolvimento físico sem nenhum desenvolvimento sócio-afetivo, cultural e político, estaríamos pondo a perder todo o propósito em que este trabalho vem trazendo como proposta de um desenvolvimento integral dos alunos resultantes de uma abordagem crítica de se trabalhar com o esporte educativo. Mais a observação a se fazer é, que existem temas que deveriam ser inseridos num programa de iniciação esportiva na escola, como exemplo: adolescência na sociedade capitalista, o preconceito, gênero, classe social,

sucesso e celebridades como modelo de comportamento, consumismo, exacerbação da vitória e da competitividade, acesso aos bens culturais, acesso a áreas de lazer, etc. Temas esses que discutimos ao longo de todo trabalho, sendo que os temas propostos pelo programa poderiam ter um aprofundamento maior nas questões do desenvolvimento humano na sociedade atual sob a influencia de sua organização política econômica. Uma vez trazendo essa preocupação, traremos aqui alguns tipos de atividades que poderíamos desenvolver, nas quais a oportunidade de relacionar essas atividades com esses temas transversais que propomos tenha certa evidencia.

A primeira é um jogo de construção onde o elemento chave é a peteca e que indicamos que poderia ser trabalhada na primeira fase proposta pelo trabalho, a Base Motora. A peteca é um jogo considerado estritamente brasileiro, de origem indígena, sobretudo da região do estado de Minas Gerais. “Registros no passado mostraram que a peteca, como recreação, era praticada pelos nativos brasileiros, mesmo antes da chegada dos portugueses.” (O JOGO..., 2008). Essa atividade traz a oportunidade do professor trabalhar toda a riqueza do costume e da cultura indígena como veremos a seguir. A atividade propõe que os alunos construam com facilidade sua própria peteca com materiais recicláveis, usando um pedaço de jornal, saco de lixo e barbante, onde amassando um pedaço de jornal formando uma bola, deverá encapá-lo com um quadrado recortado de plástico, que pode ser de um saco de lixo, colocando a bola de jornal no meio do plástico, envolvendo-o como se fosse uma embalagem de ovo de chocolate deixando as sobras do plástico bem empinado fazendo alusão às penas. Assim que todos construírem suas petecas o professor pode apresentar como o jogo de peteca é praticado tradicionalmente, que consiste em dois ou mais participantes, utilizando-se as mãos, onde a peteca é arremessada ao ar de um jogador para o outro, evitando que a mesma toque o solo numa área definida, podendo também utilizar uma quadra onde um ou mais jogadores são divididos em cada lado, podendo ou não ser dividida por uma rede de vôlei. Após essa atividade, pode ser proposto aos alunos a criarem sua própria maneira de praticar a peteca, eles podem ser divididos em grupos e cada grupo deverá apresentar, a sua maneira, para o restante da classe, e ainda devem ser instigados a fazer uma pesquisa sobre vários temas como a desaculturação dos povos indígenas do Brasil, ou o processo inverso, como a influencia da cultura indígena na sociedade brasileira atual pela suas linguagens, costumes, festas, etc.

Para a fase da Iniciação Desportiva, vamos propor um jogo chamado Base 4, que é um jogo adaptado de influencia com a modalidade Beisebol. A mídia, principalmente televisiva, por influencia massificante de uma única modalidade, fez com que alguns esportes e outras

manifestações culturais não se tornassem conhecidos por nós brasileiros, cabe a nós professores fazer um intermédio entre mídia e aluno. Surge a oportunidade então de trabalhar com uma variação dessa modalidade esportiva tão agraciada pela comunidade nipo-brasileira. Comunidade essa responsável por grandes avanços culturais e econômicos do nosso país, principalmente na agricultura. Porém poucos sabem que esse esporte foi trazido por americanos funcionários da empresa Light, que foi a primeira empresa a injetar capital estrangeiro no setor energético no nosso país. “Conta-se que, pelos idos de 1913/1914 haviam jogos do Mackenzie que costumavam atrair mais assistentes que as partidas de futebol, realizadas na mesma escola.” (ASSOCIAÇÃO CULTURAL AGRÍCOLA E ESPORTIVA DE PRESIDENTE PRUDENTE, 2008). Contudo, foi com a imigração japonesa que a modalidade ganhou um novo alicerce com a chegada de novos equipamentos e criação de novos clubes. Dando seguimento, a atividade desenvolve-se da seguinte maneira, o grupo de alunos é dividido em duas equipes que se intercalarão na defesa e no ataque (enquanto uma ataca outra defende e vice-versa), a equipe que atacará começará rebatendo a bola com os pés, podendo ser uma bola de borracha de iniciação ao handebol, para isso ela terá três chances de rebater e conquistar as “bases” derrubando cones dispostos na ordem numérica formando um losango conforme a Figura 1. A equipe que defende terá como um dos integrantes o arremessador e o restante defensores que estarão espelhados pelo local definido, o objetivo da equipe que defende é recuperar essa bola rebatida o mais rapidamente e “queimar” os atacantes fazendo com que os mesmos derrubem o menor número possível de cones, essa queimada pode ser encostando ou lançando a bola contra o adversário. Vence a equipe que derrubar mais cones no conjunto de um ataque e defesa, podendo também o professor organizar, dependendo do tempo, um maior número de alternações entre ataque e defesa, onde cada alternância se chamará entrada e vencerá a equipe que somar maior ponto em todas as entradas. Lembrando também que o arremessador terá três chances de fazer com que a bola passe entre dois cones que estarão a sua frente, conforme Figura 1, após isso se soma mais quatro pontos para a equipe atacante. Pode-se incluir algumas regras, como exemplo: se os jogadores da defesa apanhar a bola rebatida antes que a mesma toque o solo o rebatedor é eliminado, ou conforme a evolução do entendimento do jogo, podemos aproximar a realidade do jogo com o beisebol, como exemplo a diminuição da bola ou ainda a rebatida com um taco que poderá ser confeccionado com um cabo de vassoura em vez de se rebater chutando, ou ainda trocar as base de cone por de arcos, onde contará na somatória dos pontos a conquista de “base” onde a equipe vencedora será aquela que tiver o maior número de alunos a conquistar todas as bases, que remete a uma característica própria do Beisebol, a de ser a

única modalidade esportiva com bola, onde que os pontos são marcados por uma manifestação do jogador e não da bola. Na figura a seguir, trazemos uma proposta de como dispor esses elementos numa quadra poliesportiva, porém, a atividade pode ser desenvolvida em qualquer lugar que tem um bom espaço para sua execução.

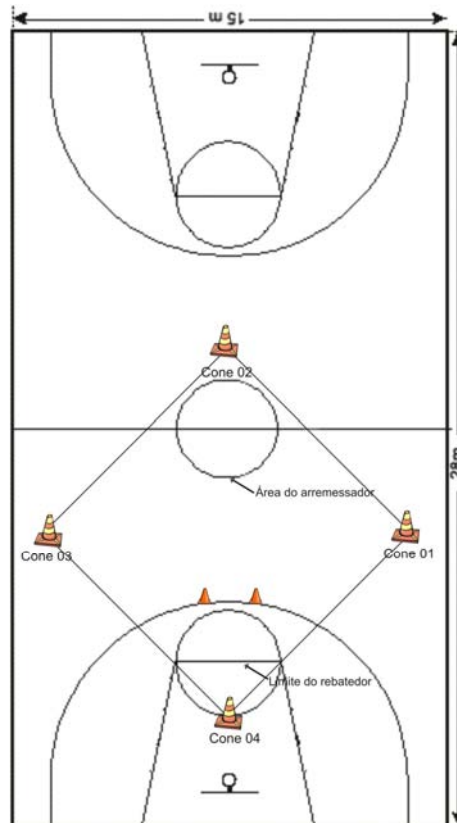


Figura 1 – Distribuição do Base4 numa quadra poliesportiva

Para a fase seguinte, Esportes I, traremos como proposta uma primeira aula de iniciação ao Judô, num primeiro momento propomos um momento de conversa em roda onde pode-se discutir com a classe a diferença de uma briga com uma luta, entender que a briga e a violência são inerentes às relações sociais, porém, na luta a oposição corpo a corpo se dá em um contexto estritamente definido, sendo que a vitória ou a derrota são determinadas de acordo com um código conhecido e admitido pelos participantes, diferentemente e ao contrário do que acontece nas brigas do pátio da escola como exemplo. Definir, construtivamente com os alunos, o que seria, afinal de contas, “lutar”, dando valor a manifestações de respeito, do prazer em confrontar e da não agressão. Num segundo momento, será feita a primeira prática corporal, em forma de jogo, com os alunos, vivenciando algumas competências e habilidades exigidas nas lutas. Um pega-pega onde as

crianças se deslocam sobre o tatame, gramado ou tapete sobre 4 apoios (engatinhar), o pegador em pé procura tocar as crianças para transformá-las em pegadores, porém as crianças ameaçadas poderão virar-se de costas para tornarem-se intocáveis; elas podem retomar a sua mobilidade se o perigo afastar-se. Nesse jogo as competências relacionadas com as lutas podem ser encontradas na necessidade de ser vigilante, de virar-se rapidamente para proteger-se, e as competências anexas se dá no ato de deslocar-se de quatro apoios e no aceitar a sua captura.

Chegando a última fase de iniciação esportiva, como propomos nessa parte, temos a fase Esportes II, que indicamos a possibilidade de que os alunos organizem um festival de uma determinada modalidade esportiva, onde os mesmos alunos que organizam são os participantes. Essa proposta é baseada em um trabalho realizado por alunos do terceiro ano da Faculdade de Educação Física das Faculdades Integradas de Itapetininga no ano de 2008, sob a orientação do professor José Antonio Coletti dos Santos como componente curricular da disciplina Educação Física na Educação Básica: Ensino Médio. Na proposta os alunos deverão ser divididos em grupos, e cada grupo deverá se responsabilizar por uma parte da organização geral. Como exemplo, um grupo ficaria responsável por organizar uma apresentação para abertura do torneio, outro pela elaboração do regulamento, arbitragem e inscrições, onde o regulamento deverá ser pré-orientado pelo professor no sentido em que a disputa será organizada sob uma proposta diferenciada numa circunstância mais solidária e cooperativa, outro para organizar cartazes a serem expostos nos jogos, com temas transversais relacionado à sociedade e a modalidade praticada, outro grupo ficaria responsável pelos primeiros socorros, e finalmente um grupo responsável pelo fechamento e premiação do festival.

Trouxemos essas atividades para dar abrigo e caracterizar o que propomos nesse trabalho. Porém o professor pode “viajar” nas infinitas possibilidades de práticas que o jogo e o esporte oferecem, porém, tudo está sujeito à criatividade do profissional. Sobre os conteúdos transversais, acreditamos que o professor pode usar de aulas teóricas para aprofundar em determinados assuntos. Temos que “[...] superar a idéia de que nas aulas não se deve falar, não se deve sentar e discutir com os alunos o que se está fazendo, sob o argumento de que a aula de Educação Física deve ser prática.” (MATTOS; NEIRA, 2000, p. 82). Nesse aspecto o professor pode exagerar nos recursos áudio visuais e nas dinâmicas de sala.

Aceitamos que o esporte, principalmente na roupagem escolar, busque um entendimento do contexto social, histórico, cultural e político da sociedade que o suporta e que determina seus fins; desta maneira, o ambiente escolar prima pela atitude educacional, com objetivos educativos e formativos que dignificam o homem. (MACHADO, 2006, p. 15).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como um de seus objetivos, sensibilizar e trazer entendimento aos leitores das dimensões que o esporte tem dentro da escola seja eles os positivos ou negativos. Levantando os argumentos que trouxemos durante o trabalho, entendemos que, primeiro, conseguimos de alguma maneira trazer aspectos importantes do esporte escolar e assim minimamente angariar os objetivos do trabalho principalmente no sentido de trazer algo significativo de tentar ou pleitear uma transformação da percepção que se tem do esporte na escola, principalmente para os profissionais que olham para esse fenômeno exaltando seus aspectos positivos-funcionais camuflando os disfuncionais. Arquitetamos durante o trabalho uma percepção crítica do tema que particularmente nos trouxe novas reflexões e ponderações a cerca do mesmo, a primeira delas é, que ainda muito tem de se fazer para a transformação do esporte escolar como propomos para o que vemos em geral nas escolas, principalmente no que diz respeito à exacerbada reprodução do esporte de alto nível no ambiente escolar, a segunda é a falta de estudos que temos no âmbito das práticas esportivas extracurriculares, trazendo aqui esse desafio à comunidade acadêmica para essa prática tão comum e tão pouco estudada. Outra reflexão concebida por esse trabalho é de como organizar estruturalmente uma proposta extracurricular de esporte na escola, que nos trouxe o conhecimento da possibilidade de dividirmos entre fases conforme a idade e como essa divisão pode ser importante no desenvolvimento integral da criança, lógico, nunca se separando das reflexões que propomos durante o trabalho. Entendemos também, que foi de suma importância trazermos algumas propostas de atividades, primeiro, para ilustrar como entendemos a relação prática e reflexão que propomos durante todo o trabalho e, segundo, para que a partir daí o leitor entenda o que propomos e que ele próprio idealize as possibilidades de usar essas ou gerar novas práticas que oportunize novas discussões em suas aulas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CULTURAL AGRÍCOLA E ESPORTIVA DE PRESIDENTE PRUDENTE. **História do beisebol brasileiro, os primórdios**. Disponível em: <<http://www.stetnet.com.br/acae/HBei1.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2008.

ALMEIDA, L. T. P. Iniciação desportiva na escola: a aprendizagem dos esportes coletivos. **Boletim Brasileiro de Educação Física**. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/d.asp?tb=2&c=172>>. Acesso em: 01 nov. 2008.

BERLEZE, Adriana; VIEIRA, Lenamar Fiorese; KREBS, Rui Jornada. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física/UEM, Maringá, PR**, v. 13, n. 1, p. 99-107, jan. / jun. 2002.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Revista Motriz**, Rio Claro, SP, v. 1, n. 1, p. 25-30, jun. 1995.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, v. VI, n. 12, p. 14-24, jan. / jun. 2000.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e base da educação nacional. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, 20 dez. 1996, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 out. 2008.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, 5 de out. de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 28 out. 2008.

BOAS, M. S. V.; FONTANELLA, F. C.; PEREIRA, V. R. As Faces do esporte e a educação física. **Revista da Educação Física/UEM, Maringá, PR**, v. 11, n. 1, p. 87-96, 2000.

CORRÊA, L. H. Racismo no futebol brasileiro. In: DIEGUEZ, G. K. (Org.) **Esporte e poder**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. v. III

DARIDO, Suraya Cristina.; SOUZA JR, Osmar Moreira. A Prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Revista Motriz**, Rio Claro, SP, v. 8, n. 1, p. 1-8, jan. / abr. 2002.

FERREIRA, Marcos Santos. A Competição na educação física escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, SP, v. 6, n. 2, p. 97-100, jul. / dez. 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1997.

LETTNIN, Carla da Conceição. **Esporte escolar: razão e significados**. 2005. Dissertação (Mestrado) Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2005.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte, 2000.

MEZZADRI, Fernando Marinho; STEREPRADO, Fernando Augusto. Esporte, relações sociais e violências, **Revista Motriz**, Rio Claro, SP, v. 9, n. 1, p. 49-52, jan. / abr. 2003.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, SP, v. 20, n. 5, p. 171, set. 2006.

O JOGO DE PETECA: histórico do jogo. **Peteca Site Legal**. Disponível em: <http://www.peteca.com.br/paginas/regras/o_jogo.html>. Acesso em: 01 nov. 2008.

SARAIVA, M. C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**, Ijuí: Unijuí, 1999.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Programa SESI atleta do futuro: perspectivas da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva**. São Paulo: SESI, 2006.

SHIGUNOV, Viktor. Reflexões sobre o desporto escolar: questões de formação e competências. **Revista Paranaense de Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 44-54, maio 2000.

SOARES, Carmem Lúcia. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey. **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**: 3.ed. Campinas: Papirus, 1999.

RIBEIRO, A. P. Brasil tem segunda pior distribuição de renda do mundo. **Folha Online**, Brasília, 01 jun, 2005. Disponível em:
< <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69318.shtml>>. Acesso em: 8 jul.2008.

SANTOS, Luiz Silva. O Desporto em si não educa. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 77-85, 2000.

TEIXEIRA, Dorivaldo. O Desporto escolar no ensino fundamental: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica de treinos e jogos de futsal. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 14, n. 2, p. 73-84, jun. / dez. 2003.

TUBINO GOMES, J. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 1992.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Revista Movimento**, v. III, n. 5, p. 4-17, jul. / dez. 1996.

ZUZZI, R. P. **As Relações de gênero na formação do profissional em educação física**. Dissertação (Mestrado) Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba: UNIMEP, 2005.